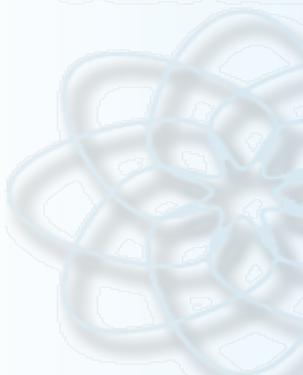


Teo
Lite
rária



*Arquivo recebido em
06 de junho de 2015
e aprovado em
15 de julho de 2015.*

V. 5 - N. 9 - 2015

* Graduada em Música e em Teologia, diplomada pelo Conservatório de Viena (violão clássico), especialista em Música Antiga (alaúde renascentista e barroco) pelo Sweelinck Conservatorium Amsterdam como bolsista do Ministério de Ciência e Cultura Holandês, tornou-se Mestre em História da Arte pela UNICAMP (1996) e Doutora em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês pela USP, FFLCH, Departamento de Letras Modernas (2003) com a tese *As Canções de Cena de William Shakespeare – resgate das canções originais, transcrição e indicações para tradução* (tese publicada pela Ed. Annablume, sob patrocínio da FAPESP). Lecionou Filosofia da Arte na Faculdade de Artes Santa Marcelina por 8 anos, e alaúde e música de câmara no Departamento de Música da Escola de Comunicações e Artes – USP-SP. Atualmente faz Pós-Doutorado em Teologia na PUC-SP, sob supervisão de Alex Villas Boas Mariano.

Santa Cecília: um percurso através da arte e da devoção

Santa Cecilia: a journey
through art and devotion

*Carin Zwilling**

RESUMO

Este artigo pretende narrar o percurso de Santa Cecília – mártir cristã romana. Inicia com sua legenda, o desenrolar de sua história real no bairro de Trastevere em Roma, a consagração de sua Basilica, os passos como se tornou oficialmente santa e como foi nomeada, finalmente, padroeira dos músicos em 1594, pelo Papa Gregório XIII. Com isso inicia-se a história de sua representação na arte: pintura, escultura e música. Dando sequência fazemos um rol dos principais artistas e obras representativas do Renascimento ao Barroco (apogeu de sua representação). E logo, o reavivamento de sua retratação pelos artistas Pré-Rafaelitas durante os séculos XIX ao XX. Um roteiro que se inicia em Roma conforme a *Legenda Áurea*, se prolonga ao longo do tempo até nossos dias, passando da

pintura à escultura, dos mosaicos aos vitrais, para finalmente ver seu culto de padroeira dos músicos ser estabelecido com fervor em diversas igrejas ao redor do mundo católico.

Palavras-chave: Santa Cecília; Tradição; Música; Arte Religiosa.

ABSTRACT

This article intends to describe the route of Saint Cecilia – Roman Christian martyr. It starts with her legend, the course of her real story in the Trastevere, neighborhood of Rome, the consecration of her Basilica, the steps as how officially she became holy, and how she was named patron saint of musicians in 1594 by Pope Gregory XIII. Thus begin the story of her representation in art: painting, sculpture and music. Continuing, we prepare a list of the main artists and representative works from the Renaissance to Baroque periods (the climax of her representation). And then, the revival of her representation by the Pre-Raphaelite Brotherhood artists during the nineteenth to the twentieth centuries. A story that starts in Rome, according to the Golden Legend, and extends over time until today, going from painting to sculpture, mosaics to stained glass windows, to finally see her cult established as patron saint of musicians with fervor in various churches around the Catholic world.

Keywords: Saint Cecilia; Tradition; Music; Religious Art.

1. LENDA E HISTÓRIA SE ENCONTRAM

Cecília, nobre romana nascida no princípio do século III de uma das mais gloriosas e ilustres famílias de Roma, conhecida por Metelos, foi filha de um senador romano e cristã desde a infância¹. Ficou conhecida como uma santa virgem e exaltada como modelo perfeito de mulher cristã, pois em tudo glorificou a Jesus². Foi uma das mártires mais veneradas durante a Idade Média e ao longo do tempo

1. Cf. **Passio Sanctae Caeciliae**, documento datado do século V.

2. Cf. **Oração das Horas**, “culto a Mártir Cecília”, edição conjunta: Vozes, Paulinas, Paulus e Ave-Maria. 2004, pg.1442.

foi reverenciada através da arte e da música, ganhando um lugar próprio na liturgia cristã.

Embora se trate da mesma pessoa, na prática fala-se de duas santas Cecílias: a da história e a da lenda. A Cecília histórica foi uma nobre romana que doou sua casa e um terreno aos cristãos pobres dos primeiros séculos. A casa transformou-se em igreja, e depois em basílica, que se chamou mais tarde propriamente de Santa Cecília, no bairro de Trastevere, em Roma. O terreno tornou-se o famoso cemitério de São Calisto, onde foi enterrada a doadora, perto da cripta fúnebre dos Papas.

No século VI, quando os peregrinos começaram a perguntar quem era essa Cecília cujo túmulo e inscrição se encontrava em tão honrosa companhia, para satisfazer sua curiosidade foi então publicada uma Paixão, que deu origem à Cecília lendária. Segundo esse relato, Cecília foi uma bela cristã da mais alta nobreza romana que foi prometida pelos pais em casamento a um jovem nobre chamado Valeriano. Aconteceu que, no dia das núpcias, a jovem noiva, em meio aos hinos de pureza que cantava no íntimo do coração, partilhou com o marido o fato de ter consagrado sua virgindade a Cristo e que um anjo guardava sua decisão. Valeriano, que até então era pagão, a respeitou, mas disse que somente acreditaria se contemplasse o anjo.

A Legenda Áurea relata o episódio com ricas cores³:

Cecília disse assim ao esposo: “Se você quer acreditar no verdadeiro Deus e prometer se batizar, poderá vê-lo. Saia da cidade pela via Apia, ande três milhas e diga aos pobres que lá encontrar ‘Cecília me envia a vocês

3. de VARAZZE, Jacopo. **LEGENDA ÁUREA, Vidas de Santos**. Tradução de Hilário Franco Júnior. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. 163. **Santa Cecília** (pp.941 – 947).

para que me façam ver o velho Santo Urbano⁴, pois tenho uma mensagem secreta a transmitir-lhe'. Quando estiver diante dele, relate todas as minhas palavras e depois que ele o tiver purificado, retorne e verá o anjo". Valeriano pôs-se a caminho e, seguindo as informações que recebera, encontrou o bispo Santo Urbano escondido no meio das sepulturas dos mártires. Contou-lhe tudo o que Cecília dissera, e ele estendendo as mãos para o Céu exclamou com os olhos cheios de lágrimas: "Senhor Jesus Cristo, autor das castas resoluções, receba os frutos das sementes que plantou em Cecília. Senhor Jesus Cristo, bom pastor, sua escrava Cecília

4. Urbano I foi o 17º papa da história da Igreja Católica Apostólica Romana. Sucessor do Papa Calisto I (217-222). Nascido em Roma no ano 175, Urbano viveu uma época em que as perseguições aos cristãos eram intensas e rotineiras. Não havia liberdade religiosa plena e seguidamente os papas eram martirizados pelo Império Romano. Com o falecimento do Papa Calisto I em 222, Urbano foi eleito para ser seu sucessor no mesmo ano.

O papa de Urbano I é, geralmente, esquecido ou pouco comentado. De fato sabe-se pouco sobre sua atuação como Sumo Pontífice, mas não há dúvida que tenha vivido momento de relativa estabilidade no Império Romano. Isto porque o imperador da época era Alexandre Severo, o qual estabeleceu certa tolerância à crença monoteísta professada pelos cristãos romanos. Embora a religião do Império Romano fosse o paganismo e a perseguição e o massacre ao cristianismo fosse intenso naquela época, Alexandre Severo permitiu certa liberdade de culto e tolerou razoavelmente o convívio entre as crenças.

A condição de relativa paz vivida pelos cristãos durante o papado de Urbano I, algo que não era comum naqueles tempos, foi importante para que a Igreja Católica florescesse e cultivasse algumas representações. Com alguma liberdade para administrar a Igreja, o Papa Urbano I determinou que todos os vasos sagrados fossem feitos de prata e benzeu alguns artefatos deste material para a paróquia de Roma. Era o início da riqueza que marcaria tão notoriamente a história da Igreja Católica.

Embora o catolicismo já desse sinais de sua preocupação com a riqueza no final do século II, o papa não deixou de pensar nos desvalidos. Mesmo cultuando os objetos de valor, Urbano I determinou que as esmolas ofertadas à Igreja fossem empregadas exclusivamente em duas frentes, o culto divino e os desvalidos. Ou seja, a Igreja demonstrava já seu perfil dúbio que oscila entre riqueza e pobreza.

Apesar da rotineira martirização dos papas nessa época, tudo indica que o final da vida de Urbano I não tenha seguido esse caminho. Seu pontificado durou oito anos e terminou com seu falecimento no ano 230, quando tinha 55 anos de idade. Foi sepultado no cemitério de Pretextato, na Via Ápia, e foi sucedido por São Ponciano (230-235).

Fontes: DUFFY, Eamon. **Santos e Pecadores: história dos Papas**. São Paulo: Cosac & Naify, 1998; FISCHER-WOLLPERT, Rudolf. **Os Papas e o Papado**. Petrópolis: Editora Vozes, 1985.

serviu-o como uma eloquente abelha,⁵ pois domesticou este esposo que ela recebeu como um leão feroz e fez dele o mais dócil cordeiro”.

E eis que de repente apareceu um velho de vestes brancas como a neve tendo na mão um livro escrito em letras de ouro. Vendo-o, Valeriano, tomado de terror, caiu como morto. O velho ergueu-o e ele leu estas palavras: “Um Deus, uma fé, um batismo; um só Deus, pai de todas as coisas, que está acima de todos nós e acima de tudo e em todos nós”. Quando Valeriano acabou de ler, o velho perguntou: “Você acredita nisso ou ainda duvida?”. Ele exclamou: “Não há sob o Céu outra verdade mais crível”. No mesmo momento o velho desapareceu, e Valeriano recebeu o batismo das mãos de Santo Urbano. Ao voltar, encontrou Cecília no quarto conversando com o anjo, que tinha nas mãos duas coroas trançadas com rosas e lírios. Deu uma a Cecília e outra a Valeriano, dizendo: “Guardem estas coroas com um coração sem mácula e um corpo puro, pois foi do Paraíso de Deus que as trouxe para vocês. Elas jamais fenecerão, nem perderão seu perfume, serão visíveis apenas àqueles que amarem a castidade. Quanto a você, Valeriano, por ter seguido um conselho tão útil, peça o que quiser e obterá”.

Valeriano: “Nada me é mais doce nesta vida do que a afeição de meu único irmão. Peço então que ele conheça a verdade comigo”. O anjo: “Seu pedido agrada ao Senhor, e ambos alcançarão juntos a palma do martírio”. Pouco depois entrou Tibúrcio, irmão de Valeriano, que tendo sentido um extraordinário aroma de rosas, disse: “Estou surpreso de que nesta época se possa respirar este aroma de rosas e de lírios. Mesmo que tivesse essas flores em minhas mãos, elas não exalariam um perfume tão suave. Confesso que me sinto outro, subitamente mudado”. Valeriano: “Temos coroas de flores que seus olhos não podem ver, que reúnem o brilho da púrpura à brancura da neve, e da mesma maneira que a meu pedido você pôde sentir o aroma, se acreditar poderá vê-las”. Tibúrcio: “Será que sonho ao ouvi-lo, ou você diz a verdade, Valeriano?”. Valeriano: “Até aqui vivemos apenas em sonho, mas agora estamos na verdade”. Tibúrcio continuou: “Onde você aprendeu isso?”. Valeriano: “O anjo do Senhor me instruiu, e você mesmo

5. Uma tradição narrada por Cícero e Plínio afirmava que o dom oratório de Platão teria sido pressagiado por abelhas sobre sua boca. Um cronista medieval, Raul Glaber, falou de um camponês que se tornou muito eloquente depois que abelhas entraram em seu corpo.

poderá vê-lo quando estiver purificado e houver renunciado a todos os ídolos”.

Esse milagre das coroas de rosas é atestado por Ambrósio⁶, que diz no prefácio⁷:

“Santa Cecília foi tão repleta do dom celeste que recebeu a palma do martírio, que execrou o mundo e o casamento, que obteve a conversão de seu esposo Valeriano e Tibúrcio, que pela mão de um anjo o Senhor a coroou com flores odoríferas. Esta virgem conduziu aqueles homens à glória e o mundo conheceu quanto vale a devoção à castidade”.

Segue a linha histórica com a narrativa que naquele tempo o então prefeito de Roma, Túrcio Almáquio, havia proibido sepultar os cadáveres dos cristãos. Entretanto Valeriano e Tibúrcio se dedicaram à tarefa de recolher todos os cadáveres de cristãos martirizados e sepultá-los. Por isso foram presos e levados diante do prefeito. Este lhes pediu que declarassem adoração a Júpiter. Fortemente defenderam sua fé e foram condenados à morte. Em seguida, Cecília ao recolher os corpos do marido e cunhado para devidamente sepultá-los, foi presa e levada a julgamento. Ao prefeito Túrcio Almáquio, que tinha sobre ela direito de vida ou de morte, ela respondeu: “é falso, porque podes dar-me a morte, mas não me podes dar a vida”. Almáquio condenou-a a morrer no *caldarium* de sua casa, ao ser colocada em banho fervente até ser queimada. Mesmo agonizando ela cantava gozosamente. Visto que com este martírio não pode acabar com ela, o cruel prefeito mandou que lhe cortassem a cabeça. No entanto, o algoz receoso tremeu ao impingir-lhe

6. Santo Ambrósio de Milão (†397) - arcebispo de Milão, Doutor da Igreja e santo. Aurélio Ambrósio (em latim: *Aurelius Ambrosius*), melhor conhecido como Ambrósio, foi um arcebispo de Mediolano (moderna Milão) que se tornou um dos mais influentes membros do clero no século IV. Foi prefeito consular da Ligúria e Emília, cuja capital era Mediolano, antes de tornar-se bispo da cidade por aclamação popular em 374.

Ambrósio é um dos quatro doutores originais da Igreja, e é notável por sua influência sobre o pensamento de Santo Agostinho.

7. O latim clássico *praefatio*, que indicava a parte anterior ao início de um discurso ou texto, transformou-se no latim cristão na introdução ao cânone da missa, no preâmbulo à consagração.

os três golpes fatais na nuca, deixando-a semiviva. Em seguida, de joelhos diante da santa, Máximo que fazia parte da guarda romana aceitou a fé cristã. A agonia prolongou-se por três dias. Nesse ínterim Cecília confirmou seus familiares na fé e doou seus bens aos necessitados e às autoridades eclesiásticas, pedindo ainda que sua casa fosse transformada em igreja. Após a sua morte, sua casa foi consagrada em basílica e o Papa Urbano I depositou seu corpo no Cemitério de São Calisto, enquanto que os restos mortais de Valeriano e Tibúrcio foram depositados no Pretestato, bem como o do próprio Papa quando de sua morte (cf. *Lib. Pont. Itinerarium salisburgense*).



Figura 1. Maestro della Santa Cecilia, *Santa Cecília e a história de sua vida* (cerca de 1304), Florença, Galleria degli Uffizi.

O assim chamado Maestro della Santa Cecília foi um pintor anônimo italiano, ativo em Florença entre as personalidades mais importantes da escola de Giotto e, provavelmente, também em Assis no início do século XIV.

Decorridos alguns séculos o Papa Pascoal I (pontificado de 817 a 824) se empenhou em renovar a Basílica de Santa Cecília. Entretanto o corpo de Santa Cecília permanecia escondido, sem que se conhecesse o jazigo. Em sonho a santa apareceu ao Papa para indicar-lhe onde estavam enterrados seus despojos. Logo este fez encontrar o caixão de cipreste que guardava suas relíquias e, ao abri-lo, viu que o corpo da santa estava “íntacto, na mesma posição em que tinha sido enterrada”. Cuidadosamente fez transportar o corpo para a cripta da Basílica em Trastevere, aonde permaneceu oculto até o final do século XVI.

Na inscrição que acompanha o mosaico de Santa Cecília, o Papa Pascoal I deixou os seguintes versos:

AVREA • GEMMATIS • RESONANT • HAEC • DINDIMA • TEMPLI
 LAETVS • AMORE • DEI • HIC • CONIVNXIT • CORPORA • SANCTA
 CAECILIAE • ET • SOCIIS • RVTILAT • HIC • FLORE • IVVENTVS
 QVAE • PRIDEM • IN • CRYPTIS • PAVSABANT • MEMBRA • BEATA
 ROMA • RESVLAT • OVANS • SEMPER • ORNATA • PER • AEVVM

«Ela brilha de ouro e pedras preciosas no interior do templo, onde (Pascoal I) tomado de amor divino une os santos corpos de Cecília e seus companheiros, na flor de sua juventude. Seus sacros membros que repousavam nas escuras criptas, agora Roma os ovaciona, para sempre ornada por eles.»
 (tradução por Carin Zwilling)

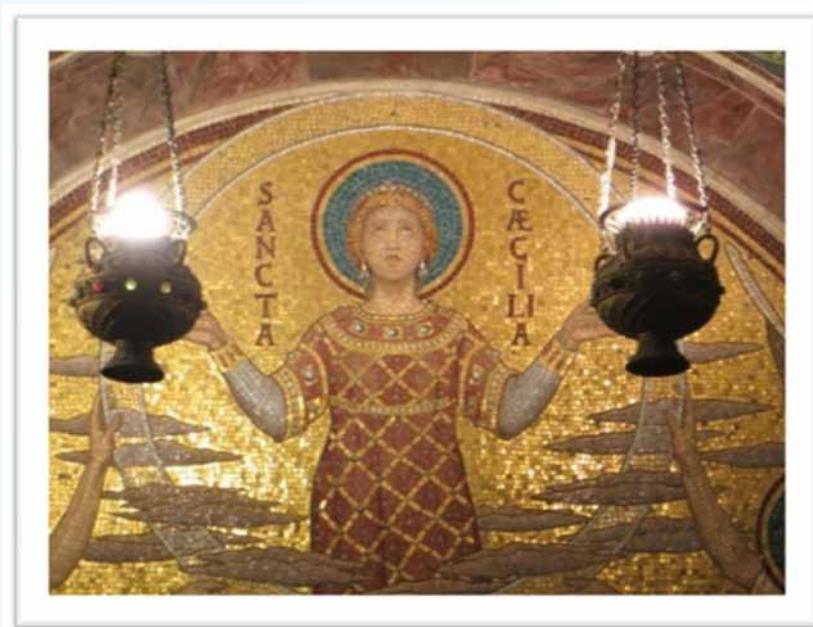


Figura 2. Basílica de Santa Cecília em Trastevere, Roma.
 Mosaico medieval de Santa Cecília.

Em 1599, o então cardeal da Basílica de Santa Cecília em Trastevere, Paolo Emilio Sfondrato, começou uma busca pela tumba de Santa Cecília no interior da igreja e, exatamente em 20 de outubro do mesmo ano, descobriu o corpo inteiro e incorrupto da santa na cripta da igreja.

Neste momento, o escultor Stefano Maderno que tinha na época 23 anos, trabalhava na reconstrução do altar da igreja, e imediatamente foi chamado para realizar uma escultura de Santa Cecília em mármore, retratando a exata posição em que a santa se encontrava, retorcida e com a marca da machadada com que foi atingida por seu algoz, morrendo como mártir cristã no século V⁸. A escultura recebeu o nome de “O Martírio de Santa Cecília”, e foi considerada obra prima do escultor. Segundo a lenda ela assim morreu para afirmar sua crença nas três pessoas divinas de um só Deus – a Santíssima Trindade, com três dedos à mostra na mão direita, e somente um dedo na mão esquerda.

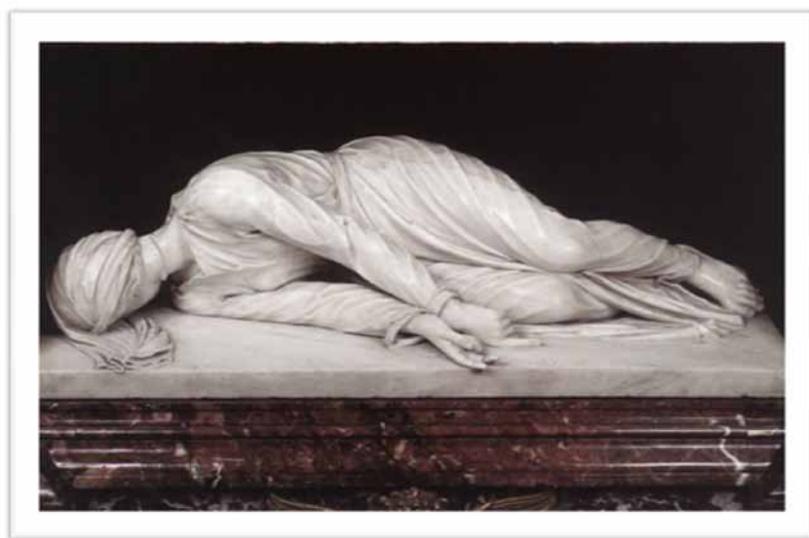


Figura 3. Stefano Maderno (Bissone, 1576 – Roma, 17/09/1636),
“O Martírio de Santa Cecília”.

Escultura concluída em 1600. Basílica de Santa Cecília em Trastevere, Roma.

8. Existem muitas teorias de como Maderno realizou este trabalho e alguns escritores, como Giovanni Baglione, afirmam que a estátua foi esculpida depois de uma análise exaustiva do corpo inerte da santa. No entanto, há outras teorias que asseguram que Maderno baseou-se na descrição de Antonio Bosius sobre o corpo no momento da descoberta. (Cf. Antonio Bosius, **Historia passionis beatae Caecilie virginis, Valeriani, Tiburtii et Maximi martyrum necnon Urbani et Lucii pontificum et martyrum viate**. Roma, 1600).

Maderno completou sua escultura de mármore aproximadamente no ano de 1600, e esta obra prima é conhecida sob o nome de “O Martírio de Santa Cecília”.

2. SANTA CECÍLIA É CONSAGRADA PADROEIRA DOS MÚSICOS

Nas Atas de Santa Cecília lê-se esta frase: “Acompanhando a melodia dos instrumentos que tocavam em suas bodas, Cecília cantava no seu coração um hino de amor a Jesus, seu verdadeiro Esposo”. O “patrocínio de música” foi lhe outorgado por haver ela demonstrado uma atração irresistível aos acordes melodiosos dos instrumentos que soavam nas alturas. Seu espírito sensível e apaixonado por esta arte, e seu nome, se tornou um símbolo da música. Entretanto não há nenhum indício histórico que Cecília tivesse qualquer pendor musical ou que tocasse algum instrumento específico, somente a indicação: “*Cantantibus organis Caecilia decantabat*”. Essa frase das Atas foi suficiente para outorgar-lhe o título de padroeira dos músicos no ano de 1594, pelo Papa Gregório XIII. E o instrumento escolhido para representá-la foi o órgão portativo⁹ e, posteriormente, o órgão positivo, instrumento sacro por excelência. O dia de sua festa e celebração foi afixado pela Igreja em 22 de novembro, que corresponde a seu nascimento, adotado mundialmente como o “Dia da Música”.

Deu-se início a uma série de homenagens musicais à santa desde a Idade Média, passando pelo Renascimento Italiano, até chegar ao seu apogeu com os Festivais Cecilianos realizados na Inglaterra, durante o período Barroco.

9. DEFINIÇÃO DE ÓRGÃO PORTATIVO

- A **Organologia** classifica o **órgão** como **aerofone de teclas**, pela passagem de ar comprimido em tubos de diferentes comprimentos (notas) e características (registros). É, portanto, um instrumento de sopro com a diferença de o ar não ser injetado pelo sopro humano, mas sob a forma de ar comprimido que, acumulado pelo fole, é reencaminhado para os tubos respectivos às notas musicais percutidas num teclado, e aos diversos registros que se quer fazer soar (dando-lhe qualidades de timbre distintas).
- **Órgão Portativo** (ou portátil): um instrumento musical de tubos e teclas, pequeno e leve, fácil de ser transportado. Era de uso corrente no século XIV, especialmente nas procissões, nas quais era transportado pelo próprio músico que tocava com a mão direita o teclado, e acionava o fole com a mão esquerda, simultaneamente.
- Muitas vezes é representado nas pinturas com um anjo acionando o fole enquanto o personagem aciona as teclas.

Em 1996, numa homilia por ocasião da festa de Santa Cecília, o Papa Bento XVI – então cardeal Joseph Ratzinger – pronunciou estas felizes palavras:

“Um homem novo e um cântico novo: esse vínculo é expresso de maneira exemplar numa das belas fórmulas da Paixão de Santa Cecília, que era antigamente a primeira antífona de laudes da sua festa. Este é o texto: Acompanhando a melodia dos instrumentos, Cecília cantava assim ao Senhor: “Que o meu coração conserve a sua pureza e as minhas forças não decaiam”. Cantantibus organis Caecilia decantabat... Exteriormente, Cecília celebrava o seu casamento com o noivo que lhe fora destinado, Valeriano, com o acompanhamento da ruidosa música esponsal daquele tempo. Intimamente, porém, celebrava o seu casamento com Outro, com Cristo, a quem tinha dado todo o seu amor”.

FIGURA 4. « S. Caeciliae, Virginis et Martyris », Ad Laudes, Antiphona, Festa Novembris 22, *Antiphonario*, p.1140-1141.

Cantantibus organis
 Cecilia virgo [in corde suo
 soli domino] decantabat dicens:
 Fiat cor meum [et corpus meum] imma-
 culatum
 ut non confundar.

Acompanhando a melodia dos instrumentos
 A virgem Cecília [só em seu coração devo-
 tado ao único Senhor] cantava dizendo:
 “Mantenha meu coração [e meu corpo] ima-
 culados,
 Para que assim não se corrompam.”.
 (tradução Carin Zwilling)

Outra antifona composta em homenagem a Santa Cecília foi “Dum Aurora” (antífona gregoriana para Festa de Santa Cecília, Antiphonario, p.1142). Remetemos o leitor a um vídeo gravado pelo Studio del Canto Gregoriano, entoado por Giovanni Vianini, cantor e diretor do coro da Schola Gregoriana Mediolanensis em Milão, Itália, que traz a visão da parte em gregoriano enquanto é executada pelo monge.

<https://www.youtube.com/watch?v=tDbyHYyG_bc>. Obra acessada em 1º de Maio de 2015.

Dum aurora finem daret,
 Caecilia exclamavit dicens:
 Eia, milites Christi,
 abjicite opera tenebrarum
 et induimini arma lucis.
 Gloria...

Bem cedo, ao romper da aurora,
 Cecília clamou em alta voz:
 Ó soldados de Cristo,
 Despojai-vos das obras das trevas,
 Revesti-vos das armas da luz!
 (tradução Carin Zwilling)

• PRINCIPAIS COMPOSIÇÕES MUSICAIS DEDICADAS A SANTA CECÍLIA

1. Antífona gregoriana para a Festa de Santa Cecília, “Dum Aurora”.
2. Antífona gregoriana “Cantantibus Organis Caecilia Domino”
3. Hino a Santa Cecília: “O Caecilia Felix”. Cantochão medieval.
4. Peter Philips (1560 -1628) – “Cantantibus Organis”
5. Giovanni Pierluigi da Palestrina (Palestrina, 1525 – Roma, 1594), “Cantatibus organus”, moteto para 5 vozes (Livro de Motetos III).

6. “Missa Cantantibus Organis”, para 12 vozes por diversos compositores:

- a. [Annibale Stabile](#) (c.1535 – 1595)
- b. [Giovanni Andrea Dragoni](#) (Meldola, 1540 – Roma, 1598)
- c. [Giovanni Pierluigi da Palestrina](#) (*Palestrina*, 1525 – Roma, 1594)
- d. [Francesco Soriano](#) (Soriano nel Cimino, 1548 ou 1549 – Rome, 1621)
- e. [Prospero Santini](#) (1591 – 1614)
- f. [Ruggiero Giovannelli](#) (c. 1560 – 1625)

7. Giovanni Pierluigi da Palestrina (Palestrina, 1525 – Roma, 1594), “Dum aurora finem daret”, moteto para 4 vozes.

8. Henry Purcell (1659-1695), “Hail, bright Cecilia!”, *Ode for St. Cecilia's Day*.

9. Música: Georg Friedrich Haendel (Halle an der Saale, 1685 – Londres, 1759), *Ode for St. Cecilia's Day*.

Poema: John Dryden (1631-1700), “A Song for St. Cecilia's Day” in *Examen Poeticum* (1693).

10. Joseph Haydn (Rohrau, 31 de março de 1732 – Viena, 31 de maio de 1809), “[Missa Cellensis in honorem Beatissimae Virginis Mariae](#)” também conhecida como “Cäcilienmesse” (Missa de Santa Cecília); (No. 3 in Do Maior); (H. 22/5); (1766–73).

11. Charles Gounod (Paris, 17 de junho de 1818 – Saint-Cloud, 18 de outubro de 1893). *Missa de Santa Cecília*,

12. Benjamin Britten (Lowestoft, 22/11/1913 – 4/12/1976), *Hymn to Saint Cecilia*.

Part I: “In a garden shady this holy lady”; Part II: “I cannot grow”; Part III: “O ear whose creatures cannot wish to fall”.

Poema dedicado a Britten por W. H. Auden

13. Richard J. Clark, “Cantantibus Organis Caecilia Domino” – *St. Cecilia Day Variations*.

3. A BASÍLICA DE SANTA CECÍLIA EM TRASTEVERE

A Basílica de Santa Cecília foi construída no século V e está situada na Piazza di Santa Cecília no antigo Bairro de Trastevere, em Roma. Documentos atestam que ela foi construída sobre a casa onde viviam Valeriano e sua esposa Cecília, cristã, que sofreu o martírio sob o Imperador Marco Aurélio (cujo reinado foi de 161 a 180 d. C.).

A respeito do culto a Mártir Cecília, a **Oração das Horas** diz que: “o culto de Santa Cecília, que deu o nome a uma basílica construída em Roma no século V, difundiu-se amplamente a partir da narração do seu Martírio...” (cf. “Culto a Mártir Cecília, a **Oração das Horas**, edição conjunta: Vozes, Paulinas, Paulus e Ave-Maria. 2004, p.1442).



Figura 5. Basílica de Santa Cecília em Trastevere, Roma. Fachada

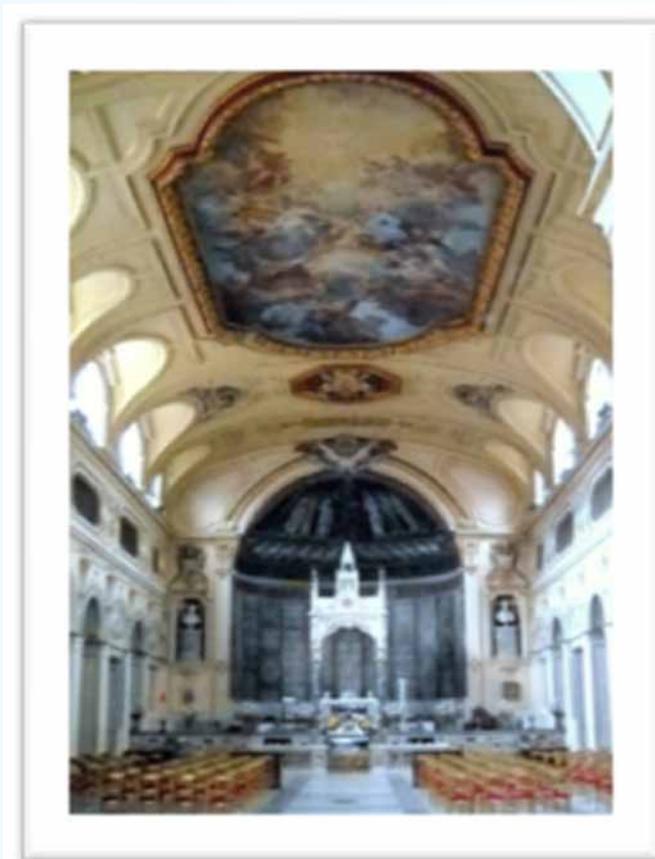


Figura 6. Nave principal da Basílica de Santa Cecília em Trastevere, Roma. Teto pintado por Sebastiano Conca (Gaeta, 08/01/1680 - Nápoles, 01/09/1764), representando “A Apoteose de Santa Cecília”.

Quanto à arquitetura da Basílica, sabe-se que tinha os arcos românicos e durante o século XII adicionou-se o pórtico e o campanário de cinco andares. No final do século XIII, o cardeal Cholet, francês, encomendou ao pintor Pietro Cavallini a decoração com afrescos das paredes da nave (na entrada e interiores). Entre as inovações do pintor estão suas experiências com a perspectiva, como o trono de Cristo e o coro dos Apóstolos, o uso expressivo de cores quentes e um jogo de sombras tridimensional.

Nela encontra-se o que há de melhor em termos de afrescos da Idade Média (e só podem ser admirados mediante permissão especial das freiras que habitam hoje no local). Há cenas dos Antigo e Novo Testamento, um Cristo como o Juiz do Mundo, no centro, dentro de uma mandorla mística carmesim, que lembra a severa tradição bizantina – mas já está suavizado pelas marcas de sua Paixão, que aparecem nas mãos e no peito, e faz recordar o sofrimento do Homem das Dores. Maria, os apóstolos, João Batista o rodeiam, anjos tocam trombetas enquanto dirigem ao céu os justos e ao inferno os pecadores.



Figura 7. Pietro Cavallini (1250 – 1330), O Juízo Final, Basílica de Santa Cecília em Trastevere, Roma, c.1290.

• PARTE INTERNA DA BASÍLICA DE SANTA CECÍLIA

O interior tem forma de basílica, com teto baixo e abside. O caráter medieval, porém, se perdeu na conversão barroca, durante a qual as colunas medievais foram incrustadas nos pilares.

A obra mais importante da igreja está na *confessio* sob o altar: a estátua de mármore chamada de “O Martírio de Santa Cecília”, esculpida por Stefano Maderno (Bissone, 1576 – Roma, 17/09/1636).

- CRIPTA

Na cripta há uma entrada para as ruínas de uma antiga morada romana que se estende por toda a extensão da igreja.

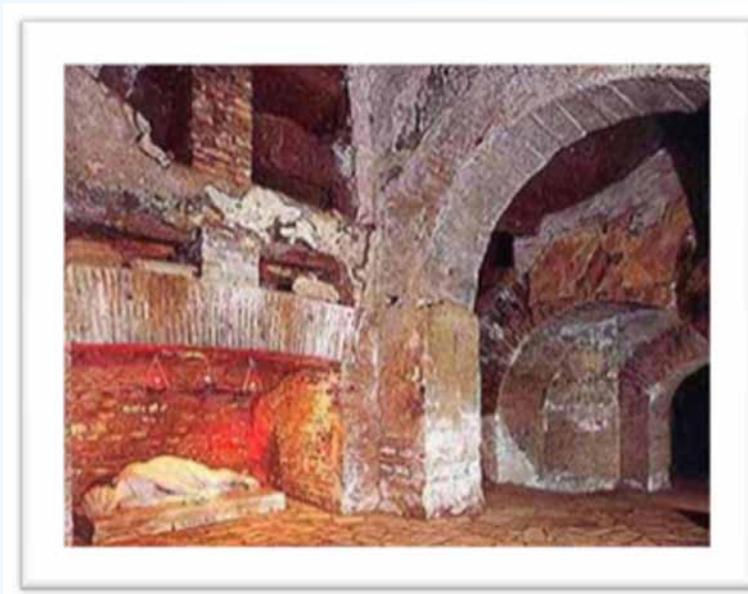


Figura 8. Cripta da Basílica de Santa Cecília em Trastevere, Roma, com seus arcos românicos.

Escultura representativa do local onde o corpo incorrupto de Santa Cecília foi encontrado.

- MODIFICAÇÕES DA IGREJA

Em 1725 o cardeal Francesco Acquaviva mandou redesenhar a igreja: o arquiteto Ferdinando Fuga foi responsável pelo pátio interno com seus canteiros de flores e antigo vaso ou cântaro no centro, e a fachada, com o brasão do Cardeal. O pórtico do século XII foi mantido, com sua excelente arquitrave de colunas jônicas em granito rosado.

4. PROPAGAÇÃO DA DEVOÇÃO A SANTA CECÍLIA

Cara ao povo, Santa Cecília foi reverenciada e a devoção a ela foi se propagando em muitas igrejas erigidas em seu nome.

O mais deslumbrante exemplo em termos de arte gótica é a Catedral de Santa Cecília em Albi, França. Na figura abaixo, destacamos a nave da igreja com suas longas colunas em nervuras chegando até o teto constituído de arcos ogivais. Ao fundo um grande órgão consagra a música ao ambiente todo adornado de azul celeste, elevando o fiel à contemplação da presença divina.

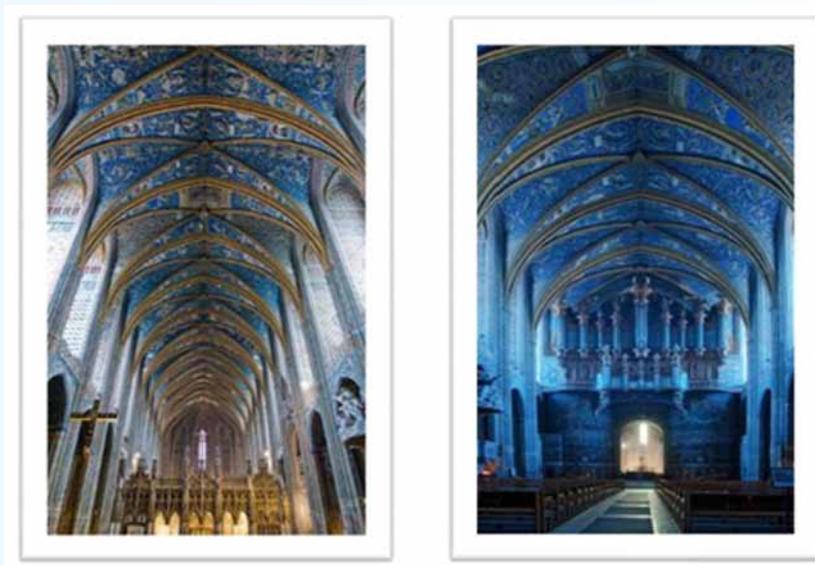


FIGURA 9. Nave da Catedral de Santa Cecília em Albi, França.

Gostaria de destacar que também aqui no Brasil, Santa Cecília ganhou seus adeptos, e São Paulo a acolheu com a construção primeiramente de uma capela, em 1861, que logo deu lugar propriamente à Igreja de Santa Cecília, fundada em 1895. O atual edifício recebeu murais e telas pintadas por Benedito Calixto e Oscar Pereira da Silva. Entre seus objetos de arte mais notáveis destacamos o vitral abaixo.

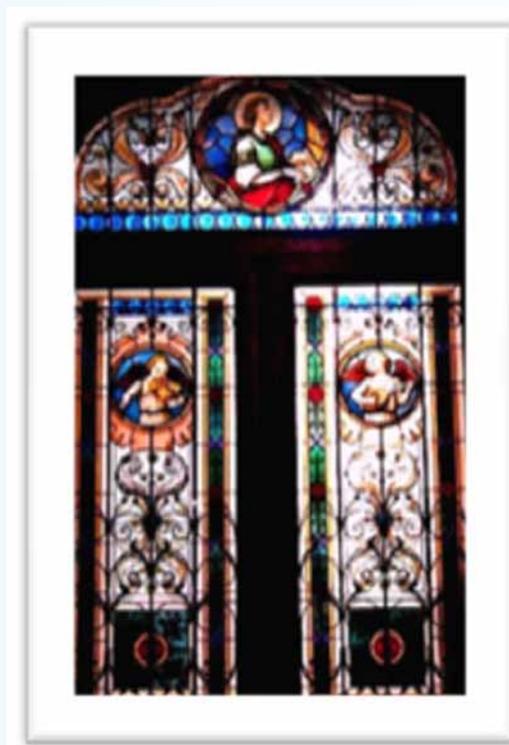


FIGURA 10. Vitral tripartite da Igreja de Santa Cecília em São Paulo.

Das janelas paralelas trazem o motivo de anjos músicos tocando violino (à esq.) e alaúde (à dir.). No alto, em contraluz, o mestre vitralista retratou na rosácea central Santa Cecília tocando seu instrumento – o órgão, em vivas cores primárias: vermelho, verde, azul e amarelo. A rosácea adornada lateralmente traz lírios – sua flor. Pois como narra a *Legenda Áurea*: “ela foi “lírio celeste” pelo pudor da virgindade, ou é chamada lírio porque tinha a brancura da pureza, o verdor da consciência e o odor da boa reputação”.

5. REPRESENTAÇÃO ICONOGRÁFICA DE SANTA CECÍLIA (Pintura e Escultura)

Santa Cecília foi contemplada com inúmeras obras de arte narrando episódios de sua vida e, principalmente, em associação com a música –

como padroeira dos músicos.

Notáveis pintores e escultores homenagearam a santa ao longo da Idade Média até o Barroco, das quais destacaremos algumas obras em especial. Ao final desse artigo forneceremos um guia das principais obras e artistas.



FIGURA 11. Rafael ([Urbino, 06/04/1483](#) - [Roma, 06/04/1520](#)),
O Êxtase de Santa Cecília.

Óleo sobre painel transportado para tela, 236 x 149 cm. Pinacoteca Nacional, Bolonha.

Na tela de Rafael,¹⁰ Santa Cecília está localizada no centro de uma “Sacra Conversação” representada em figura inteira, enquanto abandona os instrumentos musicais de que é protetora, e vira seu olhar para o céu, com grandes olhos escuros, onde aparece um coro angelical que canta uma melodia celeste. Segura com as mãos um órgão portativo do qual estão caindo dois tubos, enquanto a seus pés encontra-se uma extraordinária natureza morta de velhos instrumentos musicais quebrados: uma viola da gamba soprano com arco, mas sem cordas; um triângulo, duas flautas além de vários pandeiros com pele e platinelas. Esta é uma referência que o pintor faz à transitoriedade da música “terrestre” – o símbolo das paixões humanas (flautas, pandeiros e címbalos, estão ligados ao culto de Baco) – em oposição à “música celeste” na parte superior da tela que se abre em explosão solar com a aparição de seis anjos em coro a entoar hinos de louvor.

Em torno da figura de Santa Cecília – a única capaz de ouvir a música celeste, há quatro santos dispostos ao seu redor em semicírculo, que evocam a forma do “coro” celeste. A partir da esquerda: São Paulo, vestido com túnica verde e manto vermelho típico, segurando com a palma da mão esquerda uma espada, e entre os dedos um pergaminho com a inscrição, “Ad Corinto” (uma alusão a 2 Cor, 12: 2-4), e mantém uma atitude meditativa enquanto dá as costas para o espectador, com a cabeça em perfil; São João Evangelista, mais atrás, reconhecível a partir do livro a seus pés em que está localizada a águia; seu olhar cruza com a de Santo Agostinho, do outro lado, vestido com um manto bordado pesado, segurando na mão o bastão pastoral; e, finalmente, Maria Madalena, que segura entre as mãos unguentos em um cântaro e contempla o espectador da tela. A escolha dos quatro santos está ligada ao tema da

10. O *Êxtase de Santa Cecília* é uma pintura a óleo sobre painel transferido para tela por Rafael e ajudantes, datada data de cerca de 1514. A figura de São Paulo está preservada no Museu Teyler em Haarlem, datado de 1514, tendo como modelo Giovan Francesco Penni, tomado de uma gravura do mesmo ano feita por Marcantonio Raimondi, que atesta o estado inicial da composição, embora a pintura final se afaste de maneira perceptível.

ascensão e êxtase celestial: João e Maria Madalena segundo a tradição, na verdade subiram ao céu, enquanto Paulo e Agostinho tiveram visões diretas de Deus: o primeiro na estrada de Damasco, e o segundo no litoral, onde o Menino Jesus lhe apareceu para demonstrar-lhe a incompreensão humana da natureza de Deus.



FIGURA 12. Orazio Gentileschi (Pisa, 1563 - † Londres, 1639).
Santa Cecília e o anjo, 1610.

Óleo sobre tela, 143.5 x 129 cm. Washington D.C., National Gallery of Art.

Esta obra devocional é de uma delicadeza penetrante, já dentro dos padrões barrocos. Que bela e doce jovem retrata aqui Gentileschi, tão diferente dos modelos tradicionais. Santa Cecília está tocando compenetradamente o teclado de seu órgão enquanto o pequeno anjo elegantemente trajado de azul lhe mostra a partitura celestial. Um mundo introspectivo nos convida a entrar e mergulhar nesta cena de suave candura.

Sente-se a influência de Caravaggio no fundo escuro em contraste com as vestes vermelho púrpura da jovem santa, e o azul acetinado do

manto do anjo. É um raro momentum do pintor. Uma rica expressão é alcançada nos convidando a penetrar no encontro místico da jovem padroeira dos músicos. O impacto alcançado pelo pintor nos faz contemplar a tela sem mais poder tirar os olhos, em suave frenesi.



FIGURA 13. a. Tela à esquerda: Francisco da Silva Romão (Salvador, BH, 1834 - 1895), Santa Cecília, Museu de Arte da Bahia, Salvador. b. Tela à direita: Francesco Trevisani (Capodistria, 09/04/1656 - Roma, 30/07/1746), “Personificação da Música” (uma jovem mulher toca alaúde). Coleção Particular.

A originalidade de ambas as telas é trazer Santa Cecília tocando o alaúde, e não seu instrumento típico – o órgão portativo.

Francisco Trevisani foi um pintor italiano, aluno em Veneza de Antonio Zanchi. Passou a viver em Roma, onde a sua carreira se desenvolveu. O seu mentor foi o cardeal veneziano Pietro Ottoboni, sobrinho do Papa Alexandre VIII, um dos mais importantes mecenas da época (era-o também de Filippo Juvarra e alguns compositores do calibre de Arcangelo Corelli, Alessandro Scarlatti e Georg Friedrich Händel).

Característico da pintura de Trevisani é o sentimentalismo lânguido,

com o *pathos* seiscentista que se esfuma em elegia. Trevisani era filiado na Accademia dell'Arcadia.

Já Francisco da Silva Romão (Salvador, 1834 – idem, 1895) foi um pintor brasileiro do qual pouco se sabe. Foi aluno José Rodrigues Nunes e de Olímpio Pereira da Mata e era neto do famoso escultor baiano Manoel Inácio da Costa. Deixou poucas obras, onde se destacam alguns retratos e uma *Santa Cecília*, conservada no Museu de Arte da Bahia, provavelmente cópia de alta qualidade de original barroco italiano. Foi pai de João Francisco Romão, um dos fundadores do Liceu de Artes e Ofícios da Bahia.

6. NOVO INFLUXO REPRESENTATIVO DE SANTA CECÍLIA PELO MOVIMENTO PRÉ-RAFAELITA

Vimos a história e representação de Santa Cecília desde os seus primórdios até o fim do período Barroco. Logo após, a temática caiu em decadência, voltando a ascender sua chama na mão dos pintores Pré-Rafaelitas do século XIX. Sobre eles dirigiremos uma breve explanação e mostraremos alguns exemplos de sua arte.

• A IRMANDADE PRÉ-RAFAELITA

A Irmandade Pré-Rafaelita (*Pre-Raphaelite Brotherhood* ou *PRB* em inglês) foi formada por um grupo de pintores, poetas e críticos ingleses, fundada em 1848 por William Holman Hunt, John Everett Millais e Dante Gabriel Rossetti. Aos três fundadores juntaram-se ainda William Michael Rossetti, James Collinson, George Frederic Stephens e Thomas Woolner para formar os sete membros “fraternidade”.

Este grupo, organizado ao modo de uma confraria medieval, teve como objetivo reagir à arte acadêmica inglesa que seguia os moldes dos artistas clássicos do Renascimento. Inseridos no espírito revivalista romântico da época, os pré-rafaelitas desejavam devolver à arte a sua pu-

reza e honestidade anteriores, que consideravam existir na arte medieval do final do Gótico e início do Renascimento (Proto-Renascimento). Ao se auto-denominarem pré-rafaelitas realçaram o fato de se inspirarem na arte anterior a Rafael, artista que tanto influenciava a academia inglesa e que foi, conseqüentemente criticado pelos pré-rafaelitas. A influenciar este grupo iriam estar também os Nazarenos, uma confraria de pintores alemães que, no início do século XIX, se estabeleceu em Roma e teve como objetivo retornar à arte paleocristã.

- “ARTE PELAARTE”

Dante Gabriel Rossetti e Edward Burne-Jones iriam ligar-se mais a temas medievais inspirados em Dante (cujo nome inspirou o primeiro nome de Rossetti) na sua *Divina Comédia*, em lendas como a do Rei Arthur, cenas religiosas, carregando as suas composições de misticismo numa versão mais visionária. Pode-se afirmar que esta segunda variante dominou o movimento.

Independentemente do tema retratado, tornou-se essencial que a obra de arte transmitisse uma ideia autêntica, fruto da individualidade do artista. Este não tinha de se submeter a regras rígidas, deveria antes de tudo, ser livre na sua criação artística. O artista aspirava à beleza poética, à representação além da realidade visível: trabalha-se com a matéria da alma e a espiritualidade. Esta representação do “sonho”, base da pintura, iria se traduzir formalmente na busca da harmonia e equilíbrio entre os elementos. A pintura com base no desenho vai resultar em imagens quase ornamentais repletas de pormenores e detalhes fotográficos, onde o traçado fluido e gráfico buscou realçar aspectos estéticos, independentemente da sua semelhança ou não com a realidade.

- SANTA CECÍLIA E OS PRÉ-RAFAELITAS.

A história de Santa Cecília entrou para o cânone dos temas pré-rafaelitas quando Dante Gabriel Rossetti ilustrou o poema de Tennyson,

The Palace of Art, na famosa edição Moxon das obras do poeta (1857), abaixo. A partir de então o assunto nunca mais se afastou da consciência do movimento:

... in a clear-wall'd city on the sea,
Near gilded organ-pipes, her hair
Wound with white roses, slept Saint Cecily;
An angel look'd at her.

Tennyson *The Palace of Art*

“...em uma cidade murada sobre o mar,
perto do órgão de tubos dourados, seus cabelos
feridos com rosas brancas, dormia Santa Cecília
enquanto um anjo a velava.”

(tradução por Carin Zwilling)



FIGURA 14. Dante Gabriel Rossetti. Santa Cecília, 1857, 93 x 80 cm.
Ilustração para a edição Edward Moxon dos poemas de Tennyson, p.113.



FIGURA 15. John William Waterhouse (Roma, 1849 – Londres, 10/02/1917).
O Sono de Santa Cecília.

Óleo sobre tela datada de 1895. Atualmente em San Francisco, EUA.

Waterhouse foi um pintor inglês conhecido pelas suas obras no estilo pré-rafaelita. Trabalhou diversas décadas após o fim da Irmandade Pré-Rafaelita, que viu seu apogeu no meio do século XIX, o que fez com que ele fosse apelidado de “o pré-rafaelita moderno”. Recebendo influência não só do início do pré-rafaelismo como também de seus contemporâneos, os impressionistas, suas obras eram conhecidas por suas representações de mulheres tanto da mitologia grega como da lenda do Rei Arthur. Transplantou os temas lendários para dentro de cenas da vida cotidiana, como a Santa Cecília acima.

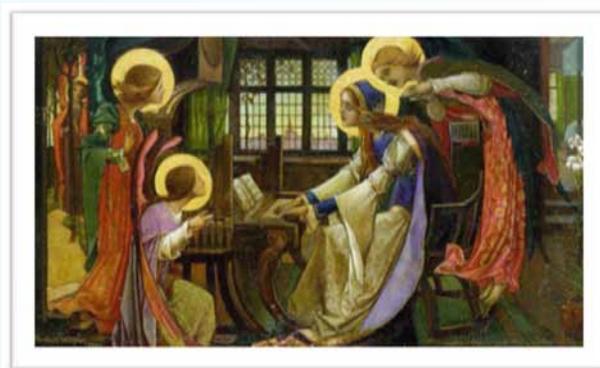


FIGURA 16. Edward Reginald Frampton (1870-1923), Santa Cecilia.

Edward Reginald Frampton (1870-1923) foi um pintor e escultor inglês que se especializou em murais, especificamente memoriais de guerra em igrejas. Ele pintou em um estilo imponente plano, e foi influenciado pelo simbolismo francês. Ele também trabalhou em vitrais, provavelmente aprendendo com seu pai, Edward Frampton, que era um mestre vitralista. Em seu trabalho ele geralmente representava temas e paisagens simbólicas.

E para que não nos falte um exemplo da nossa arte contemporânea bem brasileira, terminaremos este artigo trazendo um exemplo de Santa Cecília pela paleta de Cândido Portinari. Exemplo de um artista inserido na vanguarda da arte contemporânea, inspirado nos muralistas mexicanos, cuja arte demonstra uma forte tendência à geometrização das figuras.

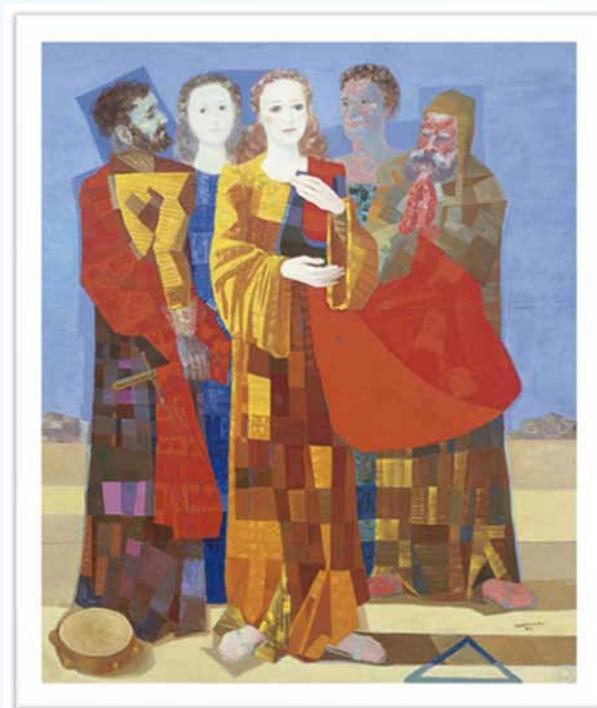


FIGURA 17. Cândido Portinari (Brodowski, 29/12/1903 – Rio de Janeiro, 06/02/1962).
Santa Cecília, 1954.

7. GUIA ICONOGRÁFICO DE SANTA CECÍLIA NA PINTURA E ESCULTURA

Santa Cecília foi contemplada com inúmeras obras de arte narrando episódios de sua vida e, principalmente, em associação com a música – como padroeira dos músicos.

Notáveis pintores e escultores dedicaram telas à Santa ao longo da Idade Média até o Barroco, das quais destacaremos algumas em especial. Abaixo forneceremos um guia das principais obras e artistas.

Obedecendo critério estabelecido por Louis Reáu, **Iconographie de l'art Chrétien**, Paris, 1958, citaremos as principais obras representando Santa Cecília na pintura e escultura ao longo dos séculos. Esta lista, entretanto, foi acrescida de outras obras constantes em diversos catálogos e livros devotados à vida da santa¹¹.

Como assinala o título, somente catalogaremos a presença de Santa Cecília na pintura e escultura, preterindo os inúmeros vitrais que homenageiam a Santa, presentes em centenas de igrejas. Embora sejam exemplos de extrema beleza, não conseguimos informações suficientes a respeito de seus autores.

O item 1 tratará de figuras isoladas e figuras agrupadas, normalmente relacionando Santa Cecília e a música. O item 2 abordará os ciclos de afrescos em diversas igrejas. O item 3 tratará das cenas que envolvem a conversão e o batismo de Valeriano; as bodas de Cecília e Valeriano; o recebimento da coroa de flores ofertada pelo anjo celeste; a caridade; o martírio e morte da Santa, e finalmente sua coroação.

11. A. P. de Mirimonde, em seu livro **Sainte-Cécile – Métamorphoses d'un thème musical**. Genève: Ed. Minkonff, 1974, propõe uma ordem diversa. O autor não organiza a iconografia de Santa Cecília cronologicamente, mas sim através de temáticas musicais, como por exemplo: *Sainte-Cécile concertant avec les anges*; *Sainte-Cécile Chantant*; *Sainte-Cécile jouant de divers instruments a clavier*; *Sainte-Cécile jouant de la viole ou du violon*, etc. Trata-se da mais rica coletânea de imagens da Santa: 149 pranchas, todas em p/b, com grande riqueza de dados e comentários.

1. Figuras isoladas e figuras agrupadas

SÉCULO VI

- Mosaico de São Apolinário Novo, Ravena. Santa Cecília figura com atributos musicais na frisa dos mártires cristãos.

SÉCULO VII

- Afresco na cripta de Santa Cecília no Cemitério de São Calisto, Roma.

SÉCULO IX

- Afresco de Santa Cecília em Santa Maria Antiqua, Roma.

SÉCULO XIII

- Tímpano do portal da Igreja de Santa Cecília em Colônia, Alemanha. Busto entre São Valeriano e São Tibúrcio.
- Coroação por um anjo. Vitral de São Cuniberto.

SÉCULO XV

- Desiderio de Settignano. Busto de perfil: baixo-relevo. Museu de Toledo, Espanha.
- Estátua relicária. Santa Cecília tocando alaúde (1492). Catedral de Albi, França.
- Mestre de São Bartolomeu (1490 – 1510), Museu Wallfraz Richartz, Colônia. Santa Cecília com órgão portativo, com São João Batista. Painel lateral do altar da Santa Cruz.
- Donato di Niccoló di Betto Bardi, chamado *Donatello*. Efigie de Santa Cecília. Baixo-relevo em mármore. British Museum, Londres.
- idem. Efigie de Santa Cecília como Artemis (1412). Baixo-relevo em bronze.

SÉCULO XVI

- Benvenuto da Garofalo. Santa Cecilia. Galleria Nazionale d'Arte Antica, Pallazo Barberini, Roma.
- Bernardino Campi. Santa Cecília (ao órgão) e Santa Caterina (ao alaúde). Igreja de São Sigismondo, Cremona.

- Bernardo Luini. Santa Cecília. Igreja de São Maurício. Milão, Itália.
- Ercole Procaccini, o Velho. Portas do órgão da Catedral de Parma, com representação do Rei Davi (porta esquerda) e Santa Cecília ao órgão (porta direita).
- Michiel Van Coxcie (1569). Santa Cecília. Museo del Prado, Madri.
- Moretto da Brescia (1540). Santa Cecília, Santa Agnes, Santa Ágata e Santa Bárbara. Igreja de São Clemente da Brescia e São Giorgio de Verona.
- Pietro de Cortona. Santa Cecília. National Gallery of Art, Londres.
- Rafael (1516). Santa Cecília com órgão portativo, com São João Batista, São Pedro e Maria Madalena. Pinacoteca de Bolonha, Itália.
- Ricardo Quartararo (c. 1500). Santa Cecília e um anjo ao alaúde. Catedral de Palermo, Itália.

S#bth tefano Maderno (1600). O Martírio de Santa Cecília. Escultura. Basílica de Santa Cecília em Trastevere, Roma.

- Gravuras de Mestres da Antuérpia representando Santa Cecília Orante:
 - a. Zacharias Dolendo (entre 1585 – 1629). Santa Cecília Orante. Gravura baseada em Jean de Gheyn. Técnica: buril. Biblioteca Nacional de España, Madrid (no. inventário: 3775840). O moteto que os anjos entoam foi identificado como sendo “Domine Fiant Anima” da autoria de Cornelius Schuyt.
 - b. Johannes Sadeler I (Países Baixos, nascido em Bruxelas, 1550 - falecido em Veneza, 1600), Santa Cecília Orante. Gravura após Martin de Vos. Moteto ao fundo identificado como sendo “Fiat cor meum”, da autoria de Dirk Raymondi.

c. Angelo Caroselli. Santa Cecília e um anjo. Óleo sobre tela baseada na gravura de Johann Sadeler I, acima.

SÉCULO XVII

- Antiveduto della Grammatica. Santa Cecília ao órgão positivo. Museu do Prado, Madri.
- idem. Santa Cecília e dois anjos. Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa.
- ibidem. Santa Cecília e dois anjos. Kunsthistorisches Museum, Viena.
- Antonio Franchi, detto il Lucchese (1650). Santa Cecília ou a Personificação da Música.
- [Artemisia Gentileschi](#) (1620). Santa Cecília tocando alaúde (auto-retrato da pintora). Galleria Spada, Roma.
- Artemisia Gentileschi (1620). Santa Cecília. Coleção Privada, Trento, Itália.
- Bernardo Cavallino (1645). Êxtase de Santa Cecília (1645). Museo Nazionale di Capodimonte, Nápoles (tela preparatória). Versão final no Palazzo Vecchio de Florença.
- Carlo Sellitto (1610). Santa Cecília e anjos. Museu di Capodimonte, Nápoles.
- Bernardo Strozzi. Santa Cecília e um anjo (entre 1620-25). Nelson-Atkins Museum of Art, Kansas City. [Há três versões desta tela]
- Carlo Dolci. Santa Cecília ao órgão positivo. Galeria de Dresden e Museu Hermitage, São Petersburgo.
- Carlo Saraceni (ca. 1610). Santa Cecilia e o anjo. Galleria Nazionale d'Arte Antica in Palazzo Barberini, Roma.
- Domenico Zampieri (ou Domenichino). Santa Cecília tocando viola da gamba. Museu do Louvre, Paris.
- Francesco Guarino (1651 ou 1654). Santa Cecília tocando

cravo. Palais Dorotheum, Viena e Pinacoteca de Nápoles.

- Francesco Trevisani. “Personificação da Música” (uma jovem mulher toca alaúde). Coleção Particular.
- Francisco da Silva Romão. Santa Cecília, Museu de Arte da Bahia, Salvador. Tela baseada em Francesco Trevisani, “Personificação da Música”.
- Francesco Solimena, conhecido como o Abade Ciccio. Santa Cecília tocando harpa.
- Giovanni Battista Salvi, il Sassoferratto. Santa Cecília. Em leilão na Sotheby’s (2009).
- Giovanni Francesco Romanelli, detto il Viterbese ou il Raffaellino (1650). Santa Cecília. English School, Cheltenham Art Gallery and Museum.
- Giovanni Lanfranco (c. 1624). Santa Cecília tocando spinetta. Bob Jones University Museum and Gallery, Greenville, SC, EUA.
- Giuseppe Cesar. Santa Cecília com o órgão portativo, uma outra santa e um anjo. Fondazione Sorgente Group, Roma.
- Giuseppe Puglia (Roma, c.1636). Santa Cecília. Winnipeg Art Gallery, James Cleghorn Collection, Winnipeg, Canadá.
- Guido Reni (1606). Santa Cecília tocando violino. Norton Simon Museum, Pasadena, CA, EUA.
- Guillaume Perrier. Santa Cecilia, Musée des Beaux-Arts, Lyon.
- Jacques Blanchard. Santa Cecilia e o Anjo. Museu Hermitage, São Petersburgo.
- Jacques Stella (1626). Santa Cecília. Musée des Beaux-Arts, Rennes.

Nicolas Colombel. Santa Cecília tocando viola da gamba. Musée des Beaux-Arts, Rouen, Normandia, França.

- Nicolas Poussin (1627). Santa Cecília. Museo del Prado, Madri.
- Orazio Gentileschi (1625). Santa Cecília toca órgão com um anjo. National Gallery of Art, Washington D.C.
- Peter Paul Rubens (1639-40). Santa Cecília tocando cravo. Museu de Berlim.
- Pierre Mignard. Santa Cecília tocando harpa. Museu do Louvre, Paris.
- Simon Vouet (c.1626). Santa Cecília. Blanton Museum, The Suida-Manning Collection.
- idem. Santa Cecília com o anjo. Museu de Belas Artes, Budapeste.

SÉCULO XVIII

- Jacques Bouillard. Santa Cecília. Dayton C. Miller Collection, Music Division, Library of Congress, Washington D.C.
- Hippolyte Delaroche, [mais conhecido](#) como Paul Delaroche. Santa Cecília. Cabinet des Estampes, Biblioteca Nacional de França.
- Giambattista Tiepolo, Santa Cecília.

2. CICLOS

SÉCULO XI

- Afrescos de São Urbano em Caffarella.

SÉCULO XII

- Narthex da Basílica de Santa Cecília em Trastevere, Roma.

SÉCULO XIII

- Vitrais da Catedral de Bourges.

SÉCULO XIV

- Afrescos da Igreja de Santa Cecília em Colônia, Alemanha.
- Afrescos da sacristia da Igreja dei Carmine, Florença.

- Mestre do Retábulo de Santa Cecília. Escola de Giotto (1310). Museu dos Uffizi, Florença.

SÉCULO XV

- Ricci di Lorenzo. Igreja dei Carmine, Florença.

SÉCULO XVI

- Lorenzo Costa e Francesco Francia. Ciclo de afrescos para o Oratório de Santa Cecília, Igreja de San Giacomo Maggiore, Bolonha.

SÉCULO XVII

- Carracci. Afrescos do claustro de San Michele in Bosco, Bolonha.
- Domenichino. Afrescos da Capela de Santa Cecília na Igreja de São Luís dos Franceses, Roma.

3. CENAS

CONVERSÃO E BATISMO DE SÃO VALERIANO

BODAS DE SANTA CECÍLIA E SÃO VALERIANO

SÉCULO XV

- tapeçaria para a Igreja de São Urbano de Troyes.

SÉCULO XVII

- Domenichino. Afresco na Igreja de São Luís dos Franceses, Roma.

MARTÍRIO E MORTE DE SANTA CECÍLIA

SÉCULO XVII

- Domenichino. Afresco na Igreja de São Luís dos Franceses, Roma.
- Antonio Raggi. Baixo-relevo. Igreja de Santa Agnes.
- Nicolas Poussin. Museu de Montpellier.

SÉCULO XVIII

- Baixo-relevo em mármore do antigo mestre da Catedral de

Rouen (1775).

SANTA CECÍLIA E SÃO VALERIANO COROADOS POR UM ANJO DO SENHOR

SÉCULO XVII

- Guido Reni (1600 – 1602). Igreja de Santa Cecília em Trastevere, Roma.
- Orazio Gentileschi. Pinacoteca de Brera, Milão.

COROAÇÃO DE SANTA CECÍLIA

SÉCULO XVIII

- Sebastiano Conca (1775). Teto da Igreja de Santa Cecília em Trastevere, Roma.

..*’ ♪’*’.., ORAÇÃO A SANTA CECÍLIA ,..*’ ♪’*’..,

Ó Gloriosa Santa Cecília,
Apóstola de caridade,
Espelho de pureza e modelo de esposa cristã!
Por aquela fé esclarecida,
Com que afrontastes

Os enganosos deleites do mundo pagão,
Alcançai-nos o amoroso conhecimento
Das verdades cristãs,

Para que conformemos a nossa vida
Com a santa lei de Deus e da sua Igreja.

Revesti-nos de inviolável confiança
Na misericórdia de Deus,
Pelos merecimentos infinitos
De Nosso Senhor Jesus Cristo.

♪

Dilatai o nosso coração, para que,
Abrasados do amor de Deus,
Não nos desviemos jamais
Da salvação eterna.

♪

Gloriosa Padroeira nossa,
Que os vossos exemplos de fé e de virtude
Sejam para todos nós um brado de alerta,
Para que estejamos sempre atentos à vontade de Deus,
Na prosperidade como nas provações,
No caminho do céu e da salvação eterna.

♪ Amén! *♪*

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOSIUS, Antonio. *Historia passionis beatae Caecilie virginis, Valeriani, Tiburtii et Maximi martyrum necnon Urbani et Lucii pontificum et martyrum viate*. Roma, 1600.
- “Culto a Mártir Cecília”, *Oração das Horas*, edição conjunta: Vozes, Paulinas, Paulus e Ave-Maria. 2004, p.1442.
- de VARAZZE, Jacopo. *Legenda Áurea, Vidas de Santos*. Tradução de Hilário Franco Júnior. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. 163. Santa Cecília (pp.941 – 947).
- DUFFY, Eamon. *Santos e Pecadores: história dos Papas*. São Paulo: Cosac & Naify, 1998.
- FISCHER-WOLLPERT, Rudolf. *Os Papas e o Papado*. Petrópolis: Editora Vozes, 1985.
- MÂLE, Émile. *L’art religieux de la fin du XVIe siècle, du XVIIe siècle et du XVIIIe siècle*. Paris, 1932 (2e éd., revue, 1951).
- MIRIMONDE, A. P. de. *Sainte-Cécile – Métamorphoses d’us thème musical*. Genève: Ed. Minkonff, 1974.
- MOSSAKOWSKI, H. “Raphael’s “St. Cecilia”, an Iconographical Study”. *Zeitschrift für Kunstgeschichte*, 31, 1968, pp.1-26.
- de MONTAULT, X. Barbier. “Iconographie de Sainte Cécile d’après les monuments de Rome”. *Revue de l’Art Chrétien*, 1887-88, pp.23-50 ; pp.426-447.
- QUENTIN, H. “Sainte Cécile”, in *Dictionnaire d’archéologie chrétienne*, t.II, 1910, pp.2712-2738.
- Sagrada Liturgia das Horas, Hino das Laudes*
- THIESSON, M. l’Abbe. *Histoire de Sainte Cécile, vierge et martyre des musiciens*. Paris: Adolphe Josse Ed., 1870.
- Passio Sanctae Caeciliae, documento datado do século V*
- REÁU, Louis. *Iconographie de l’art Chrétien*, Paris, 1955-1958.
- RICE, John A. “Palestrina’s Saint Cecilia Motets and the Missa Cantantibus Organis”. <https://www.academia.edu/7056511/Palestrinas_Saint_Cecilia_Motets_and_the_Missa_Cantantibus_Organis>. Artigo acessado em 16 de maio de 2015.